

DOMINGO III DO ADVENTO

CIC 30, 163, 301, 736, 1829, 1832, 2015, 2362: a alegria

30 «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (*Sl* 105, 3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a rectidão da sua vontade, «um coração recto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o teu poder e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti¹.

163 A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), «tal como Ele é» (*1 Jo* 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»².

301 Depois da criação, Deus não abandona a criatura a si mesma. Não só lhe dá o ser e o existir, mas a cada instante a mantém no ser, lhe dá o agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência total do Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança:

«Vós amais tudo quanto existe e não tendes aversão a coisa alguma que fizestes; se tivésseis detestado alguma criatura, não a teríeis formado. Como poderia manter-se qualquer coisa, se Vós não quisésseis? Como é que ela poderia durar, se não a tivésseis chamado à existência? Poupais tudo, porque tudo é vosso, ó Senhor, que amais a vida» (*Sb* 11, 24-26).

736 É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão,

¹ Santo Agostinho, Confissões, I, 1, 1: CCL 27, 1 (PL 32, 659-661)

² São Basílio Magno, Liber de Spiritu Sancto, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. São Tomás de Aquino, Summa Theologiae II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

auto-domínio» (Gl 5, 22-23). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios³, mais «caminharemos segundo o Espírito»⁴:

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adopção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna»⁵.

1829 Os *frutos* da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correcção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos»⁶.

1832 Os *frutos* do Espírito são perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna. A tradição da Igreja enumera doze: «caridade, alegria, paz, paciência, bondade, longanimidade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade» (Gl 5, 22-23 segundo a Vulgata).

2015 O caminho desta perfeição passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual⁷. O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças:

«Aquele que sobe, nunca mais pára de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece»⁸.

2362 «Os actos pelos quais os esposos se unem íntima e castamente são honestos e dignos; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro com alegria e gratidão»⁹. A sexualidade é fonte de alegria e de prazer:

«Foi o próprio Criador Quem [...] estabeleceu que, nesta função [da geração], os esposos experimentassem prazer e satisfação do corpo e do espírito. Portanto, os esposos não fazem nada de mal ao procurar este prazer e gozar dele. Aceitam o que o Criador lhes destinou. No entanto, devem saber manter-se dentro dos limites duma justa moderação»¹⁰.

CIC 713-714: as características do Messias esperado

713 Os traços do Messias são revelados sobretudo nos cânticos do Servo¹¹. Estes cânticos anunciam o sentido da paixão de Jesus, indicando assim a maneira como Ele derramará o Espírito Santo para dar vida à multidão: não a partir do

³ Cf. Mt 16, 24-26.

⁴ Cf. Gl 5, 25.

⁵ São Basílio Magno, Liber de Spiritu Sancto 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

⁶ Santo Agostinho, In epistulam Iohannis ad Parthos tractatus 10, 4: PL 35, 2056-2057.

⁷ Cf. 2 Tm 4.

⁸ São Gregório de Nissa, In Canticum homilia 8: Gregorii Nysseni opera, ed. W. Jaeger – H. Langerbeck, v. 6 (Leiden 1960) p. 247 (PG 44, 941).

⁹ II Concílio do Vaticano, Const. past. Gaudium et spes, 49: AAS 58 (1966) 1070.

¹⁰ Pio XII, Alocução aos participantes no Congresso da União Católica Italiana de Obstetras (29 de Outubro de 1951): AAS 43 (1951) 851.

¹¹ Cf. Is 42, 1-9; Mt 12, 18-21; Jo 1, 32-34; e também Is 49, 1-6; Mt 3, 17; Lc 2, 32; e, por fim, Is 50, 4-10 e 52, 13-53, 12.

exterior, mas assumindo a nossa «condição de servo» (*Fl* 2, 7). Tomando sobre Si a nossa morte, Ele pode comunicar-nos o seu próprio Espírito de vida.

714 É por isso que Cristo inaugura o anúncio da Boa-Nova, apropriando-Se desse passo de Isaías (*Lc* 4, 18-19)¹²:

«O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim,
porque o Senhor Me ungiu.
Enviou-Me a anunciar a Boa-Nova aos que sofrem,
para curar os desesperados,
para anunciar a libertação aos exilados
e a liberdade aos prisioneiros,
para proclamar o ano da graça do Senhor».

CIC 218-219: o amor de Deus por Israel

218 No decorrer da sua história, Israel pôde descobrir que Deus só tinha uma razão para Se lhe ter revelado e o ter escolhido, de entre todos os povos, para ser o seu povo: o seu amor gratuito¹³. E Israel compreendeu, graças aos seus profetas, que foi também por amor que Deus não deixou de o salvar¹⁴ e de lhe perdoar a sua infidelidade e os seus pecados¹⁵.

219 O amor de Deus para com Israel é comparado ao amor dum pai para com o seu filho¹⁶. Este amor é mais forte que o de uma mãe para com os seus filhos¹⁷. Deus ama o seu povo, mais que um esposo a sua bem-amada¹⁸; este amor vencerá mesmo as piores infidelidades¹⁹; e chegará ao mais precioso de todos os dons: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único» (*Jo* 3, 16).

CIC 772, 796: a Igreja, esposa de Cristo

772 É na Igreja que Cristo realiza e revela o seu próprio mistério, como a meta do desígnio de Deus: «recapitular tudo n'Ele» (*Ef* 1, 10). São Paulo chama «grande mistério» (*Ef* 5, 32) à união sponsal de Cristo e da Igreja. Porque está unida a Cristo como a seu esposo²⁰, a própria Igreja, por seu turno, se torna mistério²¹. E é contemplando nela este mistério, que São Paulo exclama: «Cristo em vós – eis a esperança da glória!» (*Cl* 1, 27).

¹² Cf. *Is* 61, 1-2.

¹³ Cf. *Dt* 4, 37; 7, 8; 10, 15.

¹⁴ Cf. *Is* 43, 1-7.

¹⁵ Cf. *Os* 2.

¹⁶ Cf. *Os* 11, 1.

¹⁷ Cf. *Is* 49, 14-15.

¹⁸ Cf. *Is* 62, 4-5.

¹⁹ Cf. *Ez* 16; *Os* 11.

²⁰ Cf. *Ef* 5, 25-27.

²¹ Cf. *Ef* 3, 9-11.

796 A unidade de Cristo e da Igreja, Cabeça e membros do Corpo, implica também a distinção entre ambos, numa relação pessoal. Este aspecto é, muitas vezes, expresso pela imagem do esposo e da esposa. O tema de Cristo Esposo da Igreja foi preparado pelos profetas e anunciado por João Baptista²². O próprio Senhor Se designou como «o Esposo» (*Mc* 2, 19)²³. E o Apóstolo apresenta a Igreja e cada fiel, membro do seu Corpo, como uma esposa «desposada» com Cristo Senhor, para formar com Ele um só Espírito²⁴. Ela é a Esposa imaculada do Cordeiro imaculado²⁵ que Cristo amou, pela qual Se entregou «para a santificar» (*Ef* 5, 26), que associou a Si por uma aliança eterna, e à qual não cessa de prestar cuidados como ao Seu próprio Corpo²⁶:

«Eis o Cristo total, Cabeça e Corpo, um só, formado de muitos [...]. Quer seja a Cabeça que fale, quer sejam os membros, é Cristo que fala: fala desempenhando o papel de Cabeça (*ex persona capitis*), ou, então, desempenhando o papel do Corpo (*ex persona corporis*). Conforme ao que está escrito: «Serão os dois uma só carne. É esse um grande mistério; digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (*Ef* 5, 31-32). E o próprio Senhor diz no Evangelho: «Já não são dois, mas uma só carne» (*Mt* 19, 6). Como vedes, temos, de algum modo, duas pessoas diferentes; no entanto, tornam-se uma só na união esposal [...] «Diz-se “Esposo” enquanto Cabeça e “esposa” enquanto Corpo»²⁷.

²² Cf. Jo 3, 29.

²³ Cf. Mt 22, 1-14; 25, 1-13.

²⁴ Cf. 1 Cor 6, 15-17; 2 Cor 11, 2.

²⁵ Cf. Ap 22, 17; Ef 1, 4; 5, 27.

²⁶ Cf. Ef. 5, 29.

²⁷ Santo Agostinho, Enarratio in Psalmum 74, 4: CCL 39, 1207 (PL 37, 948-949).